

## **Filosofia e Informação: dos muitos sentidos de Informação e algumas abordagens filosóficas - contribuições para a epistemologia da informação**

**Valéria Cristina Lopes Wilke**

valwilke@gmail.com

Doutora em Ciência da informação

Professora da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

**Resumo:** As pesquisas que estão na origem deste artigo estão marcadas pela preocupação de se considerar as contribuições da tradição filosófica para a discussão da informação e da sua presença na sociedade contemporânea, e também para os saberes que lidam com a informação. Ressalta-se que as pontes teóricas entre o aporte filosófico e a Arquivologia, a Ciência da Informação, a Biblioteconomia ainda se encontram em fase de construção e que, gradualmente, os subsídios filosóficos estão sendo incorporados por alguns pesquisadores destas áreas. No campo da Filosofia, a informação como um elemento relevante para o entendimento da realidade, acha-se também em fase de maior reconhecimento, pois a informação, neste âmbito, não possui ainda a mesma visibilidade de objeto do conhecimento como nos domínios das Ciências Sociais. Mas as pontes que ligam o fenômeno informacional ao horizonte filosófico estão sendo erguidas. O presente artigo visa apresentar algumas abordagens filosóficas da informação.

**Palavras-chave:** Informação; Filosofia, abordagens filosóficas da informação

### **Philosophie and Information: different meanings of the Information and some philosophical approaches - contributions to the epistemology of information**

**Abstract:** The studies that are the basis of this article are marked by concern for the contributions of the philosophical tradition to the discussion of information and their presence in contemporary society and also to the knowledge that deal with information. It is noteworthy that the bridges between the theoretical and philosophical contribution and the fields of Archival Science, Information Science, and Librarianship are still under construction and that, gradually, philosophical subsidies are being incorporated by some researchers in these areas. In the field of philosophy, information as an important factor for the understanding of reality, lies also in recognition phase, since the information in this context is not yet the same visibility as the object of knowledge in the fields of Social Sciences. But the bridges connecting the informational phenomenon the philosophical horizon are being raised. This article presents some philosophical approaches of information.

**Key words:** Information, Philosophie, philosophical approaches of Information

## Introdução

No âmbito da Ciência da Informação tem havido esforços que buscam refletir sobre a dimensão política da informação, no bojo da qual está posta a relação entre a informação e o Estado. As pesquisas que originaram<sup>1</sup> este artigo inserem-se neste horizonte. Estas investigações também são perpassadas pela preocupação de considerar as contribuições da tradição filosófica para a discussão da informação e de sua presença na sociedade contemporânea e também para os saberes que lidam com a informação. O tema deste artigo versa justamente sobre algumas destas contribuições. Cabe ressaltar que as pontes teóricas entre o aporte filosófico e a Arquivologia, a Ciência da Informação, a Biblioteconomia ainda se encontram em fase de construção. Gradualmente, os subsídios filosóficos estão sendo incorporados por alguns pesquisadores destas áreas, filósofos ou não. De modo similar, também no

---

<sup>1</sup> "O dispositivo informacional: sobre informação, Estado e poder na contemporaneidade a partir do contexto das políticas públicas de inclusão digital do governo federal brasileiro" (doutorado concluído em 2009); "Dispositivo informacional e a ação educativa científica: a formação para ciência no Estado-nação brasileiro" (pesquisa institucional em curso).

campo da Filosofia, a informação como um elemento relevante para o entendimento da realidade, especialmente a que hoje vivemos, também se acha em fase de maior reconhecimento. A informação, neste âmbito, não tem ainda a mesma visibilidade de objeto do conhecimento como nos domínios das Ciências Sociais. Mas as pontes que ligam o fenômeno informacional ao horizonte filosófico estão sendo erguidas, pois, epistemologicamente, a informação adquiriu ao longo do século XX o estatuto de objeto do conhecimento, o qual, como qualquer objeto, filosoficamente necessita ter uma fundamentação do tipo filosófica ou, pelo menos, a explicitação do solo filosófico existente sob sua compreensão.

Neste artigo serão apresentadas as linhas mestras de algumas abordagens filosóficas acerca da informação como as elaboradas por Martin Heidegger e Rafael Capurro; Karl Marx e F. Engels, Walter Benjamin, Jiri Zeman e Milton Santos.

**Filosofia e Informação: um binômio mais do que possível, porque necessário.**

A informação é um termo equívoco e este irrefutável fato tem ocasionado diferentes consequências como os variados conceitos de informação, a diversidade de abordagens e de métodos existentes nos saberes que lidam com a informação. A pergunta elementar “o que é informação?” gera inúmeras respostas em conformidade com as áreas de conhecimento e contextos particulares, a ponto de uma pesquisa realizada por Schrader ter demonstrado, na década de 1980, a existência de aproximadamente 700 definições de informação entre 1900 e 1981. (CAPURRO; HJØRLAND, 2003). Associadas a essa pergunta radical há outras relativas, por exemplo, aos significados do conteúdo informacional, aos usuários e às serventias da informação, às relações epistêmicas e de poder implicadas na produção, no fluxo e nos usos da informação.

Ela aparece com muita frequência na qualificação histórico-político-econômica do tempo presente, aspecto que não facilita sua compreensão. Frequentemente também

aparece de forma naturalizada, perdendo-se de vista sua dimensão histórica e sua inserção num registro enunciativo ideológico. Bernd Frohmann reconheceu que parte da autoridade que o termo informação vem adquirindo decorre das imprecisões e das contradições que o envolvem. Etimologicamente, no verbo *informare* são encontrados dois sentidos: a) o primeiro remonta à tradição grega de “dar forma (informar) a uma matéria”; b) na cultura latina *informare* passou também a significar “dar conhecimento de alguma coisa a alguém”. Os dois sentidos encontram-se no entendimento da informação até nossos dias.

Ronald Day ao escrever a história da produção social da informação e da sociedade de informação apresentou a informação como o elemento fundamental presente em construções ideológicas<sup>2</sup> contemporâneas que estão legitimando os modos atuais de produção do sujeito e de controle social, mediante as tecnologias de informação. A

---

<sup>2</sup> Para situar a compreensão de ideologia que norteia as pesquisas: considerando a crítica de Pêcheux (1997) ao empirismo lógico, é possível afirmar que as ideologias são *forças materiais* e não idéias e que, por conseguinte, como explicava Althusser, *constituem os indivíduos em sujeitos*, não tendo, portanto, origem nos sujeitos.

informação apareceu, ao longo do século XX, em diferentes formações discursivas, tais como as políticas, as econômicas, as científicas, as educativas, as sociais, em enunciados técnicos e profissionais, que contribuíram para a elaboração do significado social da informação e da comunicação. A partir do relato histórico a que se propôs, Day mostrou a estreita relação existente entre o discurso produtor da moderna ciência da informação e as discursividades de outras formações discursivas<sup>3</sup> e de suas instituições que criaram uma imagem da sociedade e do futuro como “sociedades da informação”. Ao estabelecer esta relação pode revelar a informação como uma das ideologias mais fortes, naturalizadas e pregnantes da era da reprodução digital. Como ele afirma

“Informação” é um termo ideológico central porque determina e policia o seu próprio significado numa imensa extensão de espaços sociais e culturais. Por meio da informação, são incluídos ou excluídos vocabulários para o futuro, dando forma à história num sentido condizente com a informação. O mundo da informação dado pelos textos fundadores e pelas tradições da informação no século XX é um mundo profundamente perturbador e problemático. É perturbador por causa da sua aparente naturalidade e senso comum, e por

<sup>3</sup> *Formação Discursiva* é o conjunto de enunciados marcado por um referencial, uma rede teórica, um campo de possibilidades estratégicas e um tipo de desvio enunciativo.

causa das suas predições para uma era da informação presente e futura. É problemático porque as suas pretensões são muito simplistas e redutoras da complexidade do sentido, do conhecimento e do agenciamento no mundo e porque um exame cuidadoso das suas pretensões e modelos fundacionais revela enormes e profundas exclusões e contradições. (DAY, 2001, p.117 – tradução livre da autora)

Day identificou três momentos discursivos na produção da chamada “era da informação”: a teoria documentalista europeia; a teoria da informação e a cibernética, formuladas nos EUA logo após o fim da Segunda Guerra Mundial; e a chamada “era da virtualidade”, que corresponderia ao momento presente. As obras de Paul Otlet e de Suzanne Briet seriam as representativas da primeira fase, marcada pela ampliação do significado social e da importância da documentação e da informação. Em meados da década de 1940, a teoria da informação e a cibernética estabeleceram a noção da informação quantificada. N. Wiener (1968) criou um modelo informacional onde as relações do ser humano com seu ambiente são estabelecidas a partir da troca de informações que vão determinar sua evolução e sua sobrevivência. Nestes termos, toda a vida (biológica e social) é elaborada a partir de processos comunicacionais e

informativos. A transposição do modelo de comunicação cibernética para a comunicação humana gerou a compreensão de que (1) a mensagem é a codificação da intenção de um emissor, (2) essa mensagem pode ser transmitida codificada em sinais por um canal neutro, (3) após a decodificação, a representação da intenção originária do emissor pelo receptor se manifesta pelos efeitos comportamentais. Em decorrência, Day assinala que a linguagem passou a ser definida como comunicação do que é possível ser representado como informação, sendo a produção da informação e os produtos considerados o principal valor da linguagem. No momento atual, a virtualidade é entendida como espaço histórico e social em que há a presença mediada digitalmente. A rede e a conectividade técnica surgem como expressões da organização social e do futuro em que a existência realiza-se intermediada pelas tecnologias de representação.

Este autor também indicou o aparecimento, na década de 1930, de duas visões alternativas e críticas das tecnologias de informação e comunicação, propostas por Martin Heidegger e por Walter Benjamin, a

partir da percepção que tiveram delas ligadas ao controle, à vigilância, à perseguição totalitária e à mobilização social para a guerra. Estas perspectivas foram contemporâneas, portanto, do momento de desenvolvimento da teoria da documentação e da fase que foi a antessala das reflexões que conduziram à cibernética e à teoria da informação. Heidegger e Benjamin elaboraram críticas a reificação do conhecimento e a “fetichização” da informação promovidas pela organização técnica do mundo moderno. Eles perceberam, no instante anterior ao processo de naturalização pelo qual as TICs passarão, os surgimentos da “informação” como uma forma específica de conhecimento público e dos modernos processos de comunicação.

Para Martin Heidegger, a perspectiva técnico-informativa decorre da compreensão de que o ser humano pode representar todos os seres existentes e suas relações, numa continuidade da tradição da metafísica da representação. Isto se deve ao fato de que, para a ciência moderna, a representação dos seres existentes, de suas relações e dos eventos acontece com vistas ao uso e ao gerenciamento da existência segundo a lógica

epistemológica e cultural da moderna ciência. Na perspectiva heideggeriana, o decisivo nos Tempos Modernos foi a transformação do ser humano em *subjectum* (aquilo que está sob) ou sujeito, que passou a ser a referência do ente enquanto tal e a fonte das normas. Está aí o ponto de Arquimedes da sociedade moderna<sup>4</sup>, que atuou como alavanca e sustentou a virada epistêmica moderna. Em seu ensaio *L'époque des 'conceptions du monde'* (1962), Heidegger listou cinco fenômenos do mundo moderno<sup>5</sup> e a partir de um deles,

---

<sup>4</sup> *Subjectum*: O desenvolvimento da filosofia moderna efetuou o relacionamento da razão humana com a realidade exterior (o mundo) por intermédio da representação. Entretanto, nesta parceria a razão humana antecede o mundo e o subordina: ela é autônoma, livre e sujeito (*subjectum*: o que está colocado sob, o fundamento), o que fez com que a realidade passasse a ser percebida à proporção em que é objetivada pelo ser humano, tornado o *fundamentum veritas*. Esta certeza concedeu a este ser o status de ser o primeiro dentre os entes e ainda a condição de possibilidade de todo o conhecimento. Como este fundamento, a razão humana fez do mundo o *objectum*, isto é, 'aquilo que está diante de', diante do sujeito. Neste sentido, o mundo objetivado só pôde existir tendo o sujeito por referência. Mediante tal estrutura foi possível o aparecimento do 'sujeito do conhecimento' e de um 'objeto do conhecimento'.

<sup>5</sup> São eles: a) a Ciência Moderna; b) a técnica mecanizada: não é entendida como pura aplicação e sim como “uma transformação autônoma da prática”. É o prolongamento visível da técnica moderna, que, por sua vez, se identifica à essência da metafísica moderna; c) a entrada da arte no horizonte da Estética: “a obra de arte torna-se objeto disto que se chama de experiência vivida, em consequência do que a

a ciência moderna, estabeleceu sua argumentação acerca do horizonte constituído por essa virada. Suas perguntas norteadoras buscaram responder às questões relativas à essência da ciência moderna, isto é, sobre qual base ela estaria estabelecida, e às concepções de ente e de verdade que estariam presentes nela. O essencial dessa pesquisa reside no conhecimento do ente enquanto investigação, que não seria apenas o método e/ou o procedimento, mas, sobretudo, a abertura de certo setor da investigação, a partir da qual seu movimento torna-se possível, isto é um projeto. Tal abertura se cumpre nos termos do contato e da compreensão das coisas do mundo a partir (ou dentro somente) da eleição de determinados parâmetros, dentre os vários possíveis, que cumprirão os ditames da investigação do ente, ou seja,

---

arte passa por uma expressão da vida humana” (HEIDEGGER, 1962, p. 100); d) a interpretação “cultural” dos fatos da história humana: a cultura passa a ser vista como “a realização dos valores supremos pelo cuidado consagrado aos mais altos bens do homem [...]” (idem); e) A renúncia aos deuses (*Entgötterung*): Indica a cristianização geral da idéia de mundo (*Weltbild*) “já que o fundamento deste mundo é posto como infinito, como absoluto, como o incondicionado [...]”. Refere-se ao fato de o cristianismo “ter transformado seu ideal de vida numa visão de mundo (a visão cristã de mundo) [...]”, que se populariza. O resultado é a exploração histórica e psicológica dos mitos. (ibidem)

são esses parâmetros que vão guiar o reconhecimento do investigador e também o rigor de sua pesquisa.

Nos Tempos Modernos, tais ditames referem-se, quase que exclusivamente, à matematização do ente, à sua quantificação e à sua verdade procurada tão somente dentro das balizas do que pode ser quantificado. Isto significa que os fenômenos passaram a ser determinados como grandezas espaço-temporais de movimento, sendo que a essa determinação, por sua vez, foram acrescentados o cálculo e o número. O projeto de objetivação do ser da natureza foi realizado a partir o que poderia ser calculado, pesado, mensurado. O instrumento para assegurar a calculabilidade das coisas foi sua redução à representação, sendo que toda a experiência humana do mundo passa a transcorrer por intermédio da mediação da reprodução técnica. Portanto, para Heidegger, a técnica moderna implica o modo humano de existência no horizonte do desvelamento enquanto provocação científica da natureza, que se faz segundo a lógica do uso instrumental.

Como afirma Loparic (s/d, p. 18), “É por isso que Heidegger dirá que

a essência da ciência moderna é a *cibernética*, a teoria do controle do fluxo de *informação* nas máquinas e nos animais. ‘O que anteriormente era chamado de conexão causal, hoje se chama ‘informação’, diz Heidegger.” A partir do pensamento do filósofo alemão, o autor mostra também o elemento caracterizador da nossa época:

Vivemos numa época singular, estranha e insólita. Quanto mais desenfreadamente a quantidade de informações aumenta, tanto mais decididamente se amplia o ofuscamento e a cegueira diante dos fenômenos. Mais ainda, quanto mais desmedida a informação, tanto menor a capacidade de compreender que o pensamento moderno torna-se cada vez mais cego e transforma-se num cálculo sem visão que só tem uma única chance, a de poder contar com o efeito e possivelmente com o sensacionalismo. (HEIDEGGER apud LOPARIC, s/d, p. 19)

Tomando por base o diagnóstico de Heidegger, é possível dizer que a noção de informação, sobretudo quando conjugada à tecnologia, tal como na expressão tecnologia da informação, está referida ao que se constitui na e pela tecnologia como uma representação digital dos entes e dos eventos. Isso se dá na forma de algoritmos que operam sobre dados simbólicos, que permitem, por sua vez, informar uma representação. A representação informada e armazenada por meio das tecnologias de informação é possi-

bilitada pela fragmentação do ente objetivado em uma série de atributos definidos como dados numéricos que passam, por sua vez, a ser o modo de acesso a qualquer ente. Esse processo contemporâneo de compreensão e apreensão do ente escamoteia a presença da circunstância histórica que o enseja e que Milton Santos (1996) nomeou de “meio técnico-científico-informacional”, que será apresentado posteriormente.

A reflexão de Rafael Capurro tem sido norteadada pela tarefa de fundamentar a relação entre a hermenêutica e a Ciência da Informação. A partir de Heidegger, sua análise da presença incontornável da técnica, especialmente das tecnologias de informação em todas as esferas da ação humana, nomeia de *ontologia digital* o horizonte onde habitamos, considerado

como um projeto existencial, cujas conseqüências sociais e ecológicas são difíceis de prever” e que existe vinculado “aos avanços em campos como o da nanotecnologia e as aplicações relacionadas com uma tecnologia computacional distribuída (*ubiquitous computing*)[...]”. (CAPURRO, HJØRLAND, 2003, p. 5)

Recuperando a noção heideggeriana de *Gestell* (composição), relacionou-a “às estruturas informativas já presentes no mundo envolvido

digitalmente.” Na perspectiva de Heidegger, a técnica passou a vigorar como o modo pelo qual o ser humano encontra a realidade, ou seja, a técnica emergiu como a *Gestell* (composição) onde o ser humano encontraria o Ser. (HEIDEGGER, 2002). Isto significa que, quando procuramos pelo sentido presente na tecnicidade da moderna técnica, depara-se com o fato de ela não ser um mero meio, sequer um instrumental extensivo ao corpo humano, que contribuiria para que o ser humano pudesse ir além de suas possibilidades. Na realidade, a técnica moderna apresenta-se como o desencobrimento marcado pelo sentido de exploração de toda a natureza; como o arcabouço (*Gestell*) no qual a natureza (a humana e a não humana) se disponibilizaria como fonte de energia a ser esquadrihada, aprisionada, beneficiada, controlada, utilizada. Mais ainda, enquanto essa estrutura (arcabouço) seria a forma pela qual o ser se desvelaria para nós.

Na hermenêutica de Capurro, a informação existe no nosso modo de interagir no mundo. Assim, o fenômeno informacional sempre está referido a um contexto social onde os diferentes agentes sociais interagem, produzindo e



selecionando conhecimentos. Como afirma:

[...] Informação não é algo que comunicam duas cápsulas cognitivas com base em um sistema tecnológico, visto que todo sistema de informação está destinado a sustentar a produção, coleta, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transformação e uso de conhecimentos e deveria ser concebido no marco de um grupo social concreto e para áreas determinadas. Só tem sentido falar de um conhecimento como informativo em relação a um pressuposto conhecido e compartilhado com outros, com respeito ao qual a informação pode ter o caráter de ser nova e relevante para um grupo ou para um indivíduo. (CAPURRO, HJØRLAND, 2003, p. 09)

Nessa interação encontram-se a “oferta de sentido” (mensagem) e a “seleção” (informação) não de um indivíduo e sim, de uma determinada comunidade, de determinado grupo ou ainda de um campo específico de conhecimento e/ou de ação onde os usuários já estão inseridos previamente. Como Capurro explica,

[...] todo processo hermenêutico leva a uma explicitação e com ele também a uma seleção. [e] a diferença em que se baseia a ciência da informação consiste em poder distinguir entre uma oferta de sentido e um processo de seleção cujo resultado implica na integração do sentido selecionado dentro da pré-compreensão do sistema, produzindo-se assim uma nova pré-compreensão. (CAPURRO, HJØRLAND, 2003, p. 11)

Rafael Capurro reconheceu, ademais, a dificuldade existente na definição do termo informação, à

proporção que a pergunta pela existência e pela consistência da informação pode ser respondida de diversas maneiras. Essa pergunta, por sua vez, acha-se atrelada ao significado que damos à informação. Segundo o que Capurro, Peter Fleissner e Wolfgang Hofkirchner (1999) nomearam como o *Trilema de Capurro*, há o problema – apontado pelo filósofo da informação – relacionado às relações análogas, equívocas e unívocas estabelecidas entre os diversos conceitos da informação. Seu Trilema aponta para as dificuldades presentes nas tentativas de uma definição universalmente aceita para o vocábulo *informação*. O problema levantado por Capurro indica que, por não haver um único conceito de informação que sirva para todas as áreas de conhecimentos, os conceitos elaborados pelas diferentes disciplinas científicas podem conduzir às analogias inadequadas e a equívocos. Desde então, Capurro, Fleissner e Hofkirchner (1999) estabeleceram um *triálogo* em torno da questão da unificação da Ciência da Informação e do próprio conceito de informação mediante a reflexão de sistemas dinâmicos evolutivos e auto-organizáveis. Para o filósofo da informação, é possível tentar

estabelecer uma teoria unificada da informação desde que seja reconhecido que qualquer teoria possui um ponto cego, que restringe nossa percepção, e que essa tentativa precisa estar atenta para os problemas filosóficos que o Trilema levanta. Além do mais, que toda definição de informação a ser adotada na Ciência da Informação necessita estar de acordo com o uso semântico do termo *informação* pelos indivíduos. Por isso, o Trilema de Capurro pode funcionar como uma orientação para as questões a serem respondidas enquanto se procura um conceito de informação para diferentes campos de aplicação, além de sugerir a impossibilidade de uma definição única para tal conceito. As questões postas pelo Trilema mostram os cuidados requeridos para que uma provável Ciência da Informação unificada não se torne uma abordagem reducionista, uma vez que não serão perdidas de vista as relações análogas, equívocas e unívocas existentes entre diversos conceitos de informação, suas respectivas teorias e seus campos de aplicação.

No horizonte do materialismo dialético, a informação será discutida mediante as seguintes abordagens: a

marxiana<sup>6</sup> (Marx & Engels), a de W. Benjamin, a de Jíri Zeman e de Milton Santos, que, longe de serem representativas de uma ontologia rígida e mecânica, continuam a propor e a oferecer caminhos para o entendimento da realidade.

A leitura da informação que é possível depreender das obras de K. Marx e de F. Engels, elaboradas a partir das condições da existência do capitalismo no século XIX, parte dos aspectos utilizados por estes pensadores para a reflexão sobre a realidade em geral e por isso, oferece elementos para a investigação da informação. A produção material e a produção de conhecimento, realizadas pelos indivíduos concretos, não ocorrem num mundo abstrato e vazio, mas na tessitura dialética das relações sociais determinadas, que não são naturais e eternas e sim, produzidas pelos sujeitos sociais situados histórica e socialmente. A partir da maneira como a vida é produzida torna-se possível o início do conhecimento do mundo, pois para o materialismo-dialético, as ideias/pensa-

---

<sup>6</sup> Marx e Engels viveram no século XIX. Entretanto, a chave de leitura que elaboraram permite a interpretação da realidade informacional que vivemos (e que eles não conheceram).

mentos que são elaborados refletem a atividade humana (a prática) como um fenômeno social, não individual. Em tal prática estão as relações que são estabelecidas com a natureza e com os demais indivíduos (a sociedade). As ideias, os modelos, as teorias mudam conforme as épocas históricas. Na perspectiva materialista, essas mudanças das ideias devem ser encaradas como resultantes das modificações ocorridas nas relações do ser humano com a natureza e com a sociedade. Portanto, uma história das ideias separada da história humana transcorrida numa prática humana é sem sentido, o que faz com que a atividade humana ocorra nas dimensões natural e social, formando uma totalidade. Ao criticar Proudhon, Marx afirmou que os mesmos indivíduos que produzem as relações sociais, conforme o modo de produção material da vida, produzem também os princípios, as ideias, as categorias de acordo com suas relações sociais. Por conseguinte, essas idéias não são eternas, assim como também não são as relações sociais que elas expressam, porque as ideias são “produtos históricos e transitórios.” (MARX, 1982, p. 106)

Isso significa que o conheci-

mento é produzido desde as condições materiais e objetivas da vida humana e ainda dos desafios que elas lançam a todos, uma vez que estamos inseridos em relações complexas e objetivadas por nós, no intercâmbio social. Marx & Engels indicaram que para o conhecimento da realidade, é preciso dar conta, por um lado, de sua historicidade e a do próprio conhecer, e, por outro, da complexidade presente em suas relações, mediações e contradições, que fazem com que essa realidade e o conhecimento dela não sejam estáticos e sim, móveis (mutáveis, não “essencializados”).

A obra de Marx & Engels fornece algumas pistas para o questionamento da informação:

a) Em *A ideologia alemã*, eles são bem explícitos ao afirmarem que o pensamento – por extensão, o processo de conhecimento como aquele que produz idéias e representações (pensamentos) e as ordena num todo coerente e articulado – insere-se na mesma lógica regente da produção material da vida. É possível estender a argumentação de Marx & Engels para a

informação<sup>7</sup>, objeto que ganhou visibilidade, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, e afirmar, sem torcer a argumentação dos autores, que também a informação, presente nas trocas simbólicas e no processo de produção e de circulação do capital, encontra-se diretamente ligada à produção material da vida. Hoje, o comércio intelectual da informação tem se tornado crescentemente mais complexo e abrange atividades relacionadas à sua produção, ao seu tratamento (coleta, armazenamento, processamento), circulação, distribuição, disseminação, disponibilidade, acesso e uso, e também às tecnologias que lhe servem de suporte. Contudo, todas elas estarão de acordo como o tipo e o grau das forças produtivas e suas relações correspondentes.

Marx & Engels partem do pressuposto de que a sociedade capitalista é uma totalidade complexa

---

<sup>7</sup> Sobretudo depois dos anos 1950, o termo informação vem sendo usado recorrentemente por diferentes autores e áreas de conhecimento, tendo sido também incorporado ao linguajar cotidiano. O termo é equívoco e utilizado para nomear notícias, dados, mensagens, símbolos, sugestões, novidades, organização, por exemplo, e ainda para adjetivar substantivos tais como, sociedade da informação, práticas e ações informacionais, indústria da informação, capitalismo informacional, era da informação, explosão da informação, dentre outros.

formada por relações contraditórias fundamentadas na divisão clássica existente no capitalismo entre os que são proprietários dos meios de produção e os que são proprietários somente da força de trabalho (vendida aos primeiros) – e, por conseguinte, entre os conflituosos interesses de classe desses dois tipos de proprietários; e na divisão do trabalho. Como corolário dessas divisões, podemos perceber hoje que o desenvolvimento e a repartição das tecnologias e das habilidades informacionais são também marcados por essas divisões, uma vez que eles se ocorrem dentro do fluxo da produção e da circulação do capital. A informação, como construção social e como um dos elementos presentes na realidade, deve ser entendida como também marcada pelas contradições e divisões elementares presentes na sociedade capitalista. Uma das questões que esta abordagem promove gira em torno da investigação sobre como as contradições se manifestam no nível informacional e como esse atua para a perpetuação daquelas. Esse fato leva a considerar, em primeiro lugar, um aspecto característico que cerca a informação na sociedade capitalista, qual seja, seu processo de privatização: propriedade

privada dos meios de produção; apropriação privada da informação no processo de produção e acumulação do capital; produção de uma informação privada para ser consumida privadamente. Tal aspecto faz com que a informação, ao estar inserida na lógica da acumulação do capital, tenda a ser centralizada, hierarquizada, controlada, mercantilizada. Em segundo, é necessário avaliá-la também como objeto de disputa das lutas contra-hegemônicas que visam sua publicização não privada e a ampliação do que genericamente pode ser nomeado de acesso democrático e público a ela. Esse contexto abre, por sua vez, todo um espectro de discussão a respeito das políticas públicas informacionais e outros tipos de ações voltadas para a realização de uma esfera pública verdadeiramente democrática, que, por um lado, contribuam para o entendimento da privatização da informação como um elemento histórico; e que, por outro, operem em favor de processos e movimentos que se opõem, de forma contra-hegemônica, a essa situação.

b) Marx & Engels criticaram a perspectiva idealista, que entende o mundo material (o âmbito objetivo) co-

mo decorrente do âmbito ideal. Mostraram que essa interpretação era, ela mesma, fruto de contradições objetivas e também o resultado de um equívoco que, ao fazer com que as abstrações (conceitos) e o concreto pensado derivassem da construção intelectual, descolou o processo do conhecimento da própria realidade conhecida. Esse equívoco gerador da ilusão do pensamento na criação do mundo conhecido acabou sendo estendido à própria experiência cotidiana da divisão do trabalho entre atividades intelectuais e materiais, entre os trabalhos intelectual e manual.

Em relação à informação, é possível usar o argumento da crítica ao idealismo para inserir a produção informacional, realizada fundamentalmente pelo trabalho intelectual, como uma produção material produtora de valor. A questão premente passa a ser a da explicação da inserção do processo intelectual da produção informacional na produção e circulação do capital. Em relação à situação atual, marcada pela criação e expansão das tecnologias de informação e comunicação, pelas novas formas de organização das empresas, das indústrias e das corporações e pela mudança que está afetando o trabalho na

fase atual de desenvolvimento do capitalismo – graças ao fato de a comunicação e a informação terem adquirido a conotação de insumos estratégicos do modo de produção capitalista contemporâneo – nos meios marxistas mais recentes já ocorrem discussões que visam dar conta dessa inserção; exemplos são as obras e pesquisas de Jean Lojkine, César Bolaño, Alain Herscovici, Marcos Dantas, Bob Jessop, Herbert Schiller, Ellen M. Wood, dentre outros. Basicamente isso significa que a esfera da comunicação e da informação não está mais sendo abordada somente pelo viés cultural da reprodução ideológica, mas, também, como um elemento necessário que está no cerne do próprio processo de produção e acumulação do capital, ou seja, um elemento que gera valor. Por gerar valor e por ser um aspecto necessário à reprodução ideológica, a informação mais uma vez se apresenta como um objeto de disputa.

Walter Benjamin foi um pensador marxista da primeira geração da Escola de Frankfurt. Desenvolveu sua obra à margem da academia, trabalhando no Instituto de Pesquisa Social e em jornais. Seu pensamento se enquadra no que hoje é conhecido como

Teoria Crítica.<sup>8</sup> Benjamin intuiu o sintoma da vigência da pobreza existencial, por um lado, na ruína da narrativa, transcorrida no advento da modernidade graças ao romance e à informação, que trouxe as coisas para muito, muito perto. Isso se deu ao confrontar o mundo tradicional da narrativa com o mundo moderno, não-aurático, em que há a dissolução dos laços tradicionais e dos fios que ligavam cada um à vida do outro e daqueles que vieram antes. Por outro lado, esperou que toda a nova situação pudesse conduzir a uma situação democrática e confiou na força revolucionária do proletariado. Como morreu muito cedo

---

<sup>8</sup> A Teoria Crítica nomeia a reflexão social empreendida por sucessivas gerações de pensadores reunidas, desde a década de 1960, sob a alcunha “Escola de Frankfurt”. Sua origem foi o Instituto para a Pesquisa Social, fundado em 1923, em Frankfurt, por um grupo de jovens intelectuais de esquerda com o objetivo de ampliar as análises marxistas para além da ortodoxia de então. Sob a direção de Max Horkheimer, por volta de 1931, o Instituto passou a se tornar mais influente e a procurar elaborar sínteses que reunissem o marxismo, a filosofia clássica, as ciências humanas e parte da vanguarda do pensamento burguês, especialmente a sociologia weberiana e a psicanálise freudiana. O Instituto desenvolveu um programa de pesquisa social interdisciplinar que serviu de base para uma teoria crítica da sociedade. O resultado deste trabalho, a partir da década de 1960, foi reconhecido em termos de uma Escola de Frankfurt.

não é possível imaginar como teria sido seu diagnóstico posterior.

Em seu pequeno ensaio *Experiência e pobreza*, afirmou que a experiência era comunicada aos mais jovens pelos mais velhos por meio de parábolas, de provérbios, de história passadas em locais distantes, com a autoridade dos mais velhos, de maneira loquaz e concisa. Benjamin se questionou: “Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas?” (BENJAMIN, 1985a, p. 114). O autor constatou que as ações das experiências estavam em baixa já na geração de 1914-1918, que experimentou terríveis experiências. Disse Benjamin que na volta da primeira guerra os “combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis e não mais ricos” (BENJAMIN, 1985a, p. 114-115). Por quê? Para o autor

nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra das trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e

minúsculo corpo humano. (BENJAMIN, 1985a, p. 115).

O encontro com a modernidade em meio às trincheiras, à inflação, à fome foi similar ao encontro da modernidade em meio ao choque propiciado pela metrópole moderna. Em ambos havia o trauma do frágil corpo cujos sentidos e entendimento não davam conta das explosões destruidoras e nem da velocidade, da luz artificial, do anonimato urbano, dos movimentos da massa, das novas sensações proporcionadas pela grande cidade.

No ensaio *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*, Benjamin novamente fez referência ao fato de as coisas, mediante o *boom* da técnica, terem ‘ficado mais próximas’ e que esta é

[...] uma preocupação tão apaixonada das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através de sua reprodutibilidade. Cada dia fica mais irresistível a necessidade de possuir o objeto, de tão perto quanto possível, na imagem, ou antes, na sua cópia, na sua reprodução. Cada dia fica mais nítida a diferença entre a reprodução, como ela nos é oferecida pelas revistas ilustradas e pelas atualidades cinematográficas, e a imagem. (BENJAMIN, 1985b, p. 170).

A obra de arte aurática, com sua presença única e intangível, com seu ‘aqui e agora’ comunicaria todo um mundo de experiências que é sufocado

pela reprodutibilidade técnica massiva. Ao analisar a gênese da modernidade no século XIX, compreendeu o sentido da experiência produzida pela reprodução técnica, que subsumiu os indivíduos nas multidões anônimas das metrópoles industrializadas como consumidores de bens produzidos massivamente e como trabalhadores submetidos ao trabalho repetitivo nas indústrias. Neste contexto, ele identificou também a representação da experiência nos meios de comunicação de massa como o reflexo da crescente separação entre a experiência pessoal e a representação da experiência como informação pública.

Sem a experiência, que seria comunicada pela narrativa, restaria o nível das vivências. Rápidas e frágeis vivências que passariam a ser relatadas no nível da literatura, pelo romance e no nível dos *mass media*, pelas notícias, pela informação, e ainda captadas pela fugacidade proporcionada pela reprodução técnica. Com o desenvolvimento da técnica, que se sobrepôs ao ser humano, surgiu uma nova forma de miséria: uma pobreza de experiências que faz parte da grande pobreza da época moderno-contemporânea e que tem a ver com o fato de todo o imenso patrimônio cultural

não mais estar vinculado a nós pela experiência e, sim, veiculado como informação para ser consumido como mercadoria.

Na literatura da Ciência da Informação a reflexão de Jirí Zeman é uma das poucas estrelas solitárias em que há a articulação entre a herança marxiana, a totalidade da realidade e a informação. Para ele, a informação é organização associada à quantidade e à qualidade. Em relação à primeira, tem-se a possibilidade de encontrar uma medida de organização. Isso significa que “a informação exprime a organização de um sistema que pode ser descrito matematicamente [...]”, sem que haja uma preocupação com a matéria deste sistema. (ZEMAN, 1970, p. 156). Entretanto, ela não se restringe à mera quantificação. Acoplado a esse significado matemático, tão caro à Teoria Matemática da Informação, acha-se o filosófico, que se relaciona à qualidade da realidade material de se organizar e à sua própria organização. Por isso Zeman afirmou que a informação não deveria ser considerada somente pelo viés matemático, porque ela não se acha ligada apenas ao aspecto quantitativo, mas também ao qualitativo, daí a perspectiva de seu



significado filosófico.

A informação não se constituiria apenas como uma medida da organização, mas também como a própria organização, que ao guardar em si o princípio da ordem, apareceria como o organizado (resultado) e o organizador (processo). Assim, “a informação é, pois, a qualidade da realidade material de ser organizada [...] e sua capacidade de organizar, de classificar em sistema, de criar (o que constitui igualmente sua capacidade de desenvolver a organização). [...]”. (ZEMAN, 1970, p. 157) Enquanto essa qualidade da realidade material para se organizar, a informação foi vista por esse pensador como “uma outra forma fundamental da existência da matéria [...]” – tal como ainda o espaço, o tempo e o movimento – e justamente aquela que permitiria a evolução a formas superiores. Ou seja, em todo objeto material, sua matéria acha-se relacionada às dimensões espacial, temporal, cinética e também às características organizacionais. Na totalidade de um objeto, espaço, tempo, movimento e organização encontram-se reciprocamente relacionados. Nesse sentido ela não poderia existir fora e independente da matéria como um

princípio. Como explicou ainda, “sem organização, sem conservação e crescimento da organização, a matéria não poderia de forma alguma existir, assim como não existe sem o espaço, o tempo, e o movimento”. (ZEMAN, 1970, p. 157) A informação não está somente ligada à noção de alguma coisa (gnosiológica), mas também ao que é uma coisa (ontologia).

Nessa relação ontológico-gnosiológica efetivada no horizonte materialista dialético, encontram-se conectados a matéria, sua organização (informação), o espaço, o tempo e o movimento, uma vez que não é possível dissociar a matéria da forma, o espaço do tempo e o substrato das qualidades, por exemplo, à proporção que essa perspectiva teórica pensa a realidade englobando-a na totalidade<sup>9</sup>, que resolve suas contradições no ato.

Milton Santos (1994, 1996), eminente geógrafo brasileiro, diag-

---

<sup>9</sup> Nas pesquisas realizadas institucionalmente, dessa totalidade pretende-se apreender e entender a informação, componente de inúmeras relações determinadas. Ela é enfocada a partir do Estado - como um dos elementos do campo informacional e também enquanto lócus particular perpassado pela lógica desse campo -, por ele estar sendo compreendido como uma condensação de forças que ao mesmo tempo fornece um espectro amplo do que ocorre na sociedade e permite efetuar um recorte na amplidão das articulações presentes na totalidade social.

nosticou a época contemporânea a partir da sua proposta de periodização que considera o território, a materialidade e o “sistema de objetos”. Por conseguinte, identificou três grandes momentos: o meio geográfico natural, o meio geográfico técnico-científico e o meio geográfico técnico-científico-informacional.

No primeiro momento, o do “tempo lento”, o trabalho e as técnicas obedeciam ao tempo da natureza e as suas dádivas; ele imperou até o advento das máquinas. Milton Santos indica que este período não é pré-técnico, uma vez que a domesticação de plantas e de animais já é um fazer técnico, que impõe à natureza a vontade das leis humanas. Ocorre, entretanto, que os sistemas técnicos não possuíam existência autônoma e estavam em simbiose com a natureza. A criação e o desenvolvimento das técnicas eram praticamente locais e também a sociedade local comandava os limites de sua utilização. O meio técnico, por sua vez, está associado ao advento do espaço mecanizado e os objetos que o povoam são simultaneamente naturais e técnicos. Os espaços, as regiões, os países passam a se diferenciar em função da densidade da substituição dos

objetos naturais e dos objetos culturais pelos técnicos e da extensão da presença destes últimos. O espaço maquinizado e os objetos técnicos incorporam a lógica instrumental; eles são o “locus de ações ‘superiores’, graças a sua superposição triunfante às forças naturais” (SANTOS, 1996, p. 189).

Neste meio, os tempos sociais são superpostos e contrapostos aos tempos naturais. Em termos da divisão internacional do trabalho, as diferenças entre as regiões, os territórios, os países aumentam exponencialmente e o comércio passa a depender, crescentemente, de eficazes sistemas técnicos. Apesar de sua expansão crescente, não incluiu muitos países, territórios e espaços.

O meio técnico-científico-informacional teve início após a segunda guerra e incorpora, progressivamente, os países do terceiro mundo. O que o diferencia dos demais meios é a interação simbiótica entre ciência e técnica, a ponto de ter sido cunhado o termo tecnociência para nomear esta circunstância histórica, discutida também por outros autores. (HEIDEGGER, 2002a, 2002b; ELLUL, 1968; HABERMAS, 1997) A tecnociência vigora sob o mercado, que,

por sua vez, tornou-se global graças a ela. Santos (1996, p. 191) chamou a atenção para o fato de que os objetos técnicos são também informacionais, pois “graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação.” Para ele, este momento do meio técnico-científico-informacional é algo novo, sendo que nele a ciência, a tecnologia e a informação, juntas, acham-se na base da “produção, da utilização e do funcionamento do espaço e tendem a constituir seu substrato” (idem, p. 192). Este meio abrange igualmente as áreas urbanas e as rurais e é marcado pela fluidez de idéias, produtos, mensagens ou dinheiro que transitam pelas redes como informações ubíquas e instantâneas. Por fim, ele afirma que o espaço geográfico do meio técnico-científico-informacional é a face geográfica da globalização, pois a lógica global tende a se impor a todos os territórios, e “mesmo onde se manifesta pontualmente, ele assegura o funcionamento dos processos encadeados a que se está chamando de globalização”. (idem, p.193). Nele

[...] **a informação** não apenas está presente nas coisas, nos objetos técnicos, que formam o espaço, como ela é **necessária à ação realizada sobre essas coisas. A informação é o vetor fundamental do processo social e os territórios são, desse modo, equipados para facilitar a sua circulação.** Pode-se falar, como S. Gertel (1993), de inevitabilidade do "nexo informacional". (SANTOS, 1996, p. 193 - **grifo nosso**)

### Considerações finais

Estas abordagens da informação mostram a existência de diferentes compreensões da informação. Por meio delas é possível apontar para o fato da situação estratégica da informação no tempo presente ao endossar, por um lado, a pertinência da constatação de Day acerca do valor ideológico presente na relevância da informação para a sociedade contemporânea, à proporção em que aparece em diferentes formações discursivas, inclusive na do senso comum. Por outro, apoiar a compreensão de que a informação, acoplada às tecnologias de informação e de comunicação, está estruturalmente participando da composição da realidade contemporânea, que apresenta elementos singulares em relação períodos anteriores. Este fato não é invalidado mesmo quando ela é entendida desde o horizonte dos percalços da metafísica moderna, a maneira de Heidegger e mesmo de Benjamin, o que significa, nestes casos,

enquadrá-la dentro da tradição moderna.

A partir destas diferentes abordagens foi-nos possível indicar alguns aspectos presentes no fenômeno informacional e, por conseguinte, na informação, sem que isto signifique uma resposta acabada à pergunta “o que é a informação”<sup>10</sup>.

- a informação, os processos e as ações informacionais como construção social e, portanto, atravessados pelas determinantes histórico-sociais e materiais;
- a informação como elemento estrutural do mundo contemporâneo e do estar neste mundo, que crescentemente se faz conforme a linguagem digital, e do qual estão excluídos pelo menos dois terços da população mundial devido às diferenças sociais existentes neste estar-no-mundo: este aspecto tem provocado a discussão do estatuto da cibercultura, da sociabilidade *ciber*, do significado da exclusão social no mundo *ciber* e também na realidade regida pela linguagem analógica.
- a informação como elemento

---

<sup>10</sup> Estes aspectos ora indicados foram considerados no desenvolvimento da noção dispositivo informacional para a contemporaneidade. (WILKE, 2009)

necessário para a construção do conhecimento individual e coletivo: este aspecto tem instigado a reflexão acerca da complexa relação informação-conhecimento e sobre a valorização da informação enquanto instância necessária para o crescimento do capital;

- a informação como elemento quantificado, que facilita sua circulação pelas TICs;
- a informação como algo que pode ser armazenado e recuperado: aspecto que tem provocado a produção de teorias e modelos de armazenamento, indexação e recuperação da informação e sobre as tecnologias envolvidas nestes processos.

### Referências

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_ **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre a literatura e história da cultura. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985a. p. 114-119.(Obras Escolhidas, Volume I)

BENJAMIN, Walter A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica: primeira versão. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre a literatura e história da cultura. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985b. p.165-196. (Obras Escolhidas, Volume I).

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. The concept of information. **Annual Review**

of **Information Science & Technology**, v.37, p.343-411, 2003.

CAPURRO, R; FLEISSNER, P.; HOFKIRCHNER, W. Is a Unified Theory of Information feasible? A dialogue. In: **Second International Conference on the Foundations of Information Science**, 1999. Disponível em: <http://www.capurro.de/trialog.htm>. Acesso em: 29 jun. 2005.

FROHMANN, Bernd. Taking information policy beyond information science: applying the actor network theory. In: **Annual Conference Of The Canadian Association For Information science**, Edmonton, Alberta. Proceedings..., Alberta, 1995.

FROHMANN, Bernd. The multiplicities of documentation. In: **Docam '04. International Conference On Document Research And Development In Sciences, Arts And Business**, 2., 2004, Berkeley. *Electronic proceedings*, 2004. Disponível em: <http://thedocumentacademy.hum.uit.no/events/docam/04/DOCAM04papers/DOCAM'04Bernd.RT>>. Acesso em: out. 2007.

DAY, Ronald. **The modern invention of information**: discourse, history and power. Carbondale: Southern Illinois University, 2001.

ELLUL, Jacques. **A técnica e o desafio do século**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1968.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e Ciência enquanto ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1997.

HEIDEGGER, Martin. L'époque des 'conceptions du monde'. In: **Chemins qui ne mènent nulle part**. Paris: Gallimard, 1962.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002a.

HEIDEGGER, Martin. **Ciência e pensamento do sentido**. In: Ensaio e conferências. Petrópolis: Vozes, 2002b.

LOPARIC, Zeljko. **Além do inconsciente**: sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise. s/d Disponível em: <http://www.centrowinnicott.com.br/downloads/loparic2.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2009.

MARX, Karl. **Miséria da Filosofia**: resposta à Filosofia da Miséria, do Sr. Proudhon. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1982.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer, e Stirner e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: UNICAMP, 1997.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo**. São Paulo: Hucitec, 1994.

WILKE, Valéria Cristina Lopes. **O Dispositivo Informacional:** sobre Informação, Estado e Poder na Contemporaneidade a partir do contexto das Políticas Públicas de Inclusão Digital do Governo Federal Brasileiro. Niterói, 2009, Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/IBCT e Universidade Federal Fluminense/UFF, Niterói, 2009.

ZEMAN, Jirí. Significado Filosófico da noção de Informação. In: **O conceito de informação na ciência contemporânea**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.